

SOBRE OS PROCESSOS DE TESSITURAS DOS CURRÍCULOS NAS ESCOLAS ESTADUAIS: AS MARCAS DAS NEGOCIAÇÕES E DAS EXPERIÊNCIAS PRODUZIDAS NOS COTIDIANOS

Adriana Pionttkovsky **Barcellos** – UFES

Resumo

O texto apresenta uma investigação acerca da tessitura dos currículos nas escolas estaduais do Espírito Santo potencializando as negociações e experiências que se estabelecem nos movimentos praticados nos cotidianos. Busca acompanhar um pouco das redes de saberes, fazeres e poderes que são compartilhadas pelos sujeitos praticantes que atuam nesses *espaços tempos* como potência para as discussões de currículo. Propõe caminhos teórico-metodológicos ligados às práticas de pesquisa *com* os cotidianos. Utiliza observações, documentos, conversas, entrevistas, narrativas e fotografias como procedimentos de pesquisa. Investe na relevância do estudo apresentado como pista para a compreensão de que nos diferentes *espaços tempos* se tramam redes de relações e sentidos, emergindo múltiplas possibilidades de tessituras dos currículos. A proposta de investigação busca, dessa forma, problematizar que o currículo é realizado nas relações cotidianas, com manifestações de troca, negociação e nas diversas práticas que envolvem poder, discurso e criação de significados.

Palavras-chave: Currículos, Negociações, Experiências, Cotidianos.

SOBRE OS PROCESSOS DE TESSITURAS DOS CURRÍCULOS NAS ESCOLAS ESTADUAIS: AS MARCAS DAS NEGOCIAÇÕES E DAS EXPERIÊNCIAS PRODUZIDAS NOS COTIDIANOS

MULTIPLICIDADES, USOS, REDES, NEGOCIAÇÕES: UM POUCO DOS DISCURSOS SOBRE CURRÍCULOS

As múltiplas e diversas discussões dos campos teóricos a respeito do pensamento curricular no Brasil mostram que existe uma ampla possibilidade de questões a serem

pensadas e problematizadas, que não se esgotam nessa ou naquela vertente de pensamento, mas contribuem para a constituição de novas possibilidades de produção e sentidos e de discursos e, ainda, de diálogos entre elas.

Assumimos em nossa pesquisa, os cotidianos escolares como “espaços privilegiados de produção curricular” (OLIVEIRA, 2003) e trabalhamos na tentativa de trazer algumas aproximações entre os documentos prescritos e as tantas possibilidades de tessitura de currículos, a partir da multiplicidade de práticas, sentimentos, experiências, traduções, fazeres, invenções, atitudes e narrativas vivenciadas junto aos sujeitos da pesquisa.

Assim podemos entender que o currículo é realizado nas relações cotidianas, com manifestações de troca, negociação e nas diversas práticas que envolvem poder, discurso e criação de significados. Enfatizamos também a possibilidade de produzir outros/novos movimentos nos currículos realizados que considerem as diferenças entre os sujeitos, as identidades colocadas em processos de deslocamento e fuga, as manifestações e articulações culturais. Os conhecimentos não são criados apenas naquelas oportunidades consagradas pela escola diante dos saberes formalizados da ciência, mas são criados na multiplicidade de encontros, desencontros, significações, contextos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE NOSSA PROPOSTA DE ESTUDO

O que propomos com esta pesquisa é potencializar as redes inventivas que se tecem nos movimentos criados entre os documentos curriculares e os currículos praticados nos cotidianos das escolas. Currículos, nesse sentido, que considerem as diferenças colocadas entre os sujeitos e as escolas, que nos façam pensar e nos desalojem das certezas absolutas na busca por compreender, discordar e conhecer; currículos que nos façam pensar em tantos significados *possíveis* para as práticas cotidianas nas escolas; currículos assumidos como possibilidades de ampliação dos horizontes no campo das ciências, de novas lógicas e de novos saberes; currículos que vão muito além das prescrições oficiais e que não podem ser aprisionados por conteúdos propostos em documentos.

Buscaremos investigar os processos de tessitura dos currículos em uma escola da rede estadual do Espírito Santo, potencializando as redes coletivas de *saberes fazeres* tecidas e compartilhadas pelos sujeitos praticantes nos múltiplos *espaços tempos*, problematizando as negociações e as experiências vividas por esses sujeitos de modo a contribuir para a ampliação da noção de política no campo do currículo.

Com Larrosa (2004) entendemos que o sujeito da experiência está sempre aberto à sua própria transformação. Ao sujeito é imprescindível pensar sobre suas experiências para que possa compreender suas próprias elaborações e construções. As experiências dos sujeitos praticantes dos *espaços tempos* escolares trazem uma riqueza de vivências e conhecimentos que acabam por constituir a história da educação de cada escola, de cada contexto, de cada época.

Confiamos, portanto, na invenção de outros/novos *movimentos* que apontem para um *currículo* – “trajetórias, viagens, percursos” (SILVA, 2004, p. 150) – como campo de negociação, instituindo na *escola da pesquisa* a sua realização como mecanismo de discussão dos *saberesfazeres* dos sujeitos *individuaiscoletivos* (FERRAÇO, 2004) que ali se encontram, com suas reais condições de *inventividade* e considerando as *marcas* que, a seu modo, deixam nos processos vividos.

Nas falas dos sujeitos dos cotidianos escolares observamos uma angústia em relação ao poder disciplinador do Estado explicitado na forma como conduz, ou poderíamos dizer, impõe as políticas educacionais de currículo. Foucault (2010) nos faz entender como o estado moderno deixou de exercer o poder de forma localizada e excessiva sobre o indivíduo para atuar através dele por meio de um amplo aparato formado por escolas, igrejas, locais de trabalho e prisões, na busca de monitorá-los para impor a assimilação de normas de conduta, em um processo de individualização dirigida e observada.

Assim, falar desses contextos cotidianos de produção das políticas é falar de *entrelugares culturais* (FERRAÇO, 2006) cujas redes *não se deixam aprisionar...* Como Ferraço (2006) e Alves (2005) nos têm ensinado: essas redes são negociadas nas relações cotidianas e produzem subjetividades... Deslocam-se, deslizam, geram movimentos, escapam às normalizações e padronizações, inventam alternativas e mundos! Rompem limites institucionais e geográficos, produzem *aberturas e desafios*

de um mundo a ser revirado e reconstruído para que caibamos todas, todos e inteiros (LINHARES, 2001).

Não se trata de desprezar as prescrições, as “sondagens”, os “dados estatísticos”, ou os “índices”, mas de colocar em questão *os limites da natureza dos processos aplicados* para sua produção que acabam “achando” o que é homogêneo e, portanto, de desviar a atenção para *as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes* (CERTEAU, 1994).

Nesse sentido, valendo-nos da ideia de que a dinâmica da vida não se deixa aprisionar, que a vida escapa, grita, se inventa e reinventa por meio dos movimentos *táticos, astuciosos, efêmeros, surpreendentes dos praticantes cotidianos* (CERTEAU, 1994) trataremos das discussões de constituição dos currículos enredados aos processos políticos, uma vez que, para nós, não há, na perspectiva das redes cotidianas, como pensá-los de modo separado.

Por isto, para nós, é tão importante nos aproximarmos e reconhecermos os movimentos e as inúmeras lutas e operações que são feitas nos cotidianos por esses praticantes, numa tentativa de criar sentidos para as escolas, as políticas, os conhecimentos e a vida. Ou seja, importa pensar o sentido da escola como *espaço tempo de aprendizagem ensino* e de produção de conhecimentos que, para além dos conteúdos e objetivos informados como conhecimentos escolares, nos textos oficiais de currículo, se entrelacem às demais experiências desses alunos e professores, já que a escola se constitui como *espaço tempo de relações múltiplas entre múltiplos sujeitos com saberes múltiplos, que aprendem/ensinam, o tempo todo, múltiplos conteúdos de múltiplas maneiras, nos múltiplos cotidianos vividos* (ALVES, 2001).

BREVE ESBOÇO DOS MARCOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Procurando traçar brevemente algumas caracterizações da investigação que pretendemos realizar e que buscará apreender as negociações que constituem a tessitura dos currículos nas escolas públicas estaduais do Espírito Santo, a partir das marcas que os praticantes imprimem nesses currículos, se faz necessário aceitar o desafio de criar e/ou reinventar possibilidades para os estudos *com* os cotidianos.

A possibilidade da *pesquisa com o cotidiano* se realiza quando nos damos conta da *riquezapotência* da complexidade dos saberes e fazeres que estão sendo negociados e experienciados nesses cotidianos. Ferração (2003) nos ajuda nessa discussão quando afirma que para estudar e pesquisar *com* os cotidianos é preciso nos colocar como parte dele, pensando e dialogando com ele.

Nessas trajetórias de estudos, nos dedicamos e assumimos *as pesquisas com os cotidianos* (FERRAÇO, 2003) como uma atitude política de investigação e de aproximação com os *espaços tempos* das práticas. Essa abordagem atravessa as discussões de nossas pesquisas, buscando compreender o *conhecimento tecido em cada ação cotidiana* (ALVES, 2003) “com” professores, alunos, pedagogos, diretores, merendeiras, auxiliares de serviços gerais e demais profissionais das escolas.

Assim, em meio às tantas cenas, conversas, imagens vividas e compartilhadas nos diferentes contextos das nossas investigações, vão emergindo práticas que, em suas múltiplas reinvenções e tentativas de tradução, buscam dar visibilidade aos processos e conhecimentos produzidos cotidianamente nas redes de *saberes, fazeres, significados, poderes e valores* (ALVES, 2001, 2003; FERRAÇO, 2003, 2005; OLIVEIRA, 2007).

Por tudo isso nos propomos, a trilhar as trajetórias vividas pelos sujeitos praticantes das escolas públicas estaduais de ensino fundamental e médio, buscando problematizar: *Quem são esses sujeitos praticantes? Quais as suas expectativas, desejos, interesses? Quais redes são tecidas entre eles, em suas relações cotidianas? Quais atravessamentos essas redes produzem nos currículos? Como negociam com os processos instituídos? Que experiências vivem? Que políticas curriculares “protagonizam”?*

Nossa aposta está na escuta dessas *vozes singulares* que tornam vivas e tecem as *teorias das práticas* (CERTEAU, 1994), que consistem num fluir de interações articuladas aos intercâmbios desses praticantes cotidianos, trazendo-as para o texto como referências para as problematizações dessas políticas. Vozes e narrativas que, para fazerem sentido, segundo Certeau (1994, p. 155), precisam ser contadas de novo, ouvidas outra vez... se desejarmos compreendê-las...

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda (org.). **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002 (Série cultura, memória e currículo, v. 1).

_____. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: COSTA, M. V. (org). **A escola tem futuro**. RJ: DP&A, 2003.

_____. Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu “uso” em processos curriculares de formação de professoras na Educação Superior: o caso do curso de Pedagogia da UERJ/Campus Maracanã. Projeto incorporado ao PROCiência, agosto de 2005.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano: morar e cozinhar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

FERRAÇO, C. E. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: _____. (org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. SP: Cortez, 2005.

_____. Eu caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. RJ: DP&A, 2003.

_____. Os sujeitos das escolas e a complexidade de seus fazeressaberes: fragmentos das redes tecidas em pesquisas com o cotidiano. In: GARCIA, R. L.; ZACCUR, E. (orgs.). **Cotidiano e diferentes saberes**. RJ: DP&A: 2006.

_____. Os sujeitos praticantes dos cotidianos das escolas e invenção dos currículos. In: MOREIRA, A. F. B.;PACHECO, J. A.; GARCIA, R. L. (orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir**. RJ: DP&A, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2010.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LINHARES, C. F. Educação e professores em tempo de amar e amar. In:_____. (org.). **Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha**. SP: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, I. B. de. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: D&A, 2003.

_____. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: SCHWARTZ, C. M.; et al. (orgs.). **Desafios da Educação Básica: a pesquisa em educação**. Vitória: EDUFES, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.